

Silenciamentos, rupturas e marés de mudança em “A mãe de todas as perguntas”, de Rebecca Solnit

MARIA BEATRIZ FERREIRA SANTOS

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (UESPI)
sbeatriz1301@gmail.com

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Rebecca Solnit é escritora e ativista, autora de obras que abordam variados temas, como política, meio ambiente, artes, entre outros. Sua escrita se apoia em seu papel como historiadora, o qual a possibilita localizar sua fala em tempos e espaços específicos para a construção de suas obras. *A mãe de todas as perguntas*, livro lançado em 2017, configura-se como um dos seus escritos mais emblemático e encontra-se pautado pela historiografia do movimento feminista e suas repercussões no decorrer dos séculos e em diferentes localidades. Ao longo de 12 ensaios, Solnit discorre acerca tanto do feminismo contemporâneo quanto dos movimentos e lutas que o precederam. A obra é dividida em duas partes, compostas por ilustrações espaçadas, sendo a inicial, antes do sumário, a representação em preto e branco de um penteado feito por fios lisos, seguido por um ensaio introdutório anterior à primeira parte do grupo de escritos.

Após a introdução, na qual a autora destaca o conceito central de seu livro, o silêncio, substantivo comum e masculino que permeia a existência tanto de mulheres quanto de homens ao redor do globo, o primeiro ensaio é apresentado. Tendo por título “A mãe de todas as perguntas” (2015), Solnit escreve sobre sua experiência durante uma sessão de perguntas após uma palestra sobre Virginia Woolf; a partir do desvio do interesse do público para a questão da não maternidade de Woolf, a autora traça um panorama do afunilamento do futuro das mulheres desde a formulação do conceito de “Anjo do lar” adotado pela escritora britânica. Partindo da premissa da concepção da mulher como ser delimitado por sua capacidade de reprodução e serviência, um “anjo do lar”, portanto, existe apenas para suprir as necessidades masculinas.

Solnit apresenta a conclusão de que, ao delimitar apenas uma maneira certa de viver como mulher, a sociedade não concebe a perspectiva de uma resposta correta para a “mãe de todas as perguntas”, logo, em um universo de perguntas abertas e fechadas, apontadas pela autora por sua “flexibilidade” em formulações de respostas, a pergunta em questão, continuamente voltada para os filhos, não permite divergência. A felicidade está ligada ao materno e, em meio a busca obsessiva por uma realização plena, as mulheres encontram-se em situações que as encolhem a papéis preestabelecidos, questionadas continuamente sobre suas escolhas de vida, sem nunca poder darem a resposta correta para a grande questão que as engloba.

A autora prossegue para a conceituação base de sua obra, introduzida na parte I, a qual possui como título “Rompeu-se o silêncio”, precedida de uma ilustração de fios de cabelo enrolados em múltiplas cordas, desatadas do penteado anterior. De forma simbólica, a imagem representa o fim do mutismo, uma ação ocorrida no passado, evidenciada pelo verbo “romper” no pretérito, mas que possui reverberações presentes, sobre as quais a autora discorre ao longo da primeira parte. Em “Uma breve história do silêncio”, Solnit rastreia o silenciamento feminino desde a construção de padrões predefinidos para as mulheres aos casos de violência ocorridos na atualidade e destaca o poder do silêncio nas mãos dos que são ouvidos, homens, os quais constroem instâncias de silenciamento a fim de seguir com a manutenção de poderes oriundos dessa prática. À vista disso, aborda o sistema patriarcal como roda impulsionadora do silenciamento feminino, porém vai de encontro ao processo da quebra das estruturas do silêncio que ocorre diariamente de forma gradual e cumulativa através de manifestações derivadas de movimentos sociais.

Partindo-se da ilustração dos fios desfeitos das cordas, o ensaio “Um ano de insurreição” (2014) aborda um ano emblemático para a autora; assim como os fios soltos, a autora encontrou o início de uma libertação e o fim de um aprisionamento no reconhecimento de violências. O silêncio foi quebrado a partir do resultado de ações anteriores, manifestações e resistências declaradamente feministas ou não, que tiveram como uma de suas vitórias o redirecionamento da vergonha, saindo das vítimas para seus algozes. Em seguida, Solnit discorre acerca da palatalização do feminismo, o que proporcionou tanto a sua banalização quanto a criação de um baluarte que possibilita a sustentação para mudanças presentes e futuras, como o rompimento da vergonha imputada às vítimas, destacada com constância pela autora.

A construção do baluarte do feminismo contou com a participação dos homens, tema abordado em “Feminismo: chegam os homens” (2014). Por intermédio do adição de novas vozes, o ano se deu como um divisor de águas, em que aliados foram descobertos entre a parte masculina e, por conta da credibilidade atribuída a eles, foi possibilitado o início da responsabilização deles pelas violências perpetradas contra as mulheres. Solnit encerra o ensaio declarando que a plena habitabilidade no planeta é impossibilitada pela cultura do estupro/ódio, a qual encontra reforço tanto nos misóginos raivosos e haters (virtuais) quanto nos homens e, por vezes, mulheres que minimizam a luta feminista ao justificarem a não necessidade dela por conta dos direitos já conquistados pelas mulheres; posição contrária que, segundo a autora, encontra em si a justificativa da necessidade do movimento.

Retomando a atenção para a cultura do ódio, Solnit aponta a instigação da misoginia como causa de ataques violentos como o ocorrido em Isla Vista, área costeira localizada em Santa Barbara (CA), detalhado no ensaio “Um ano após sete mortes” (2015). A autora prossegue expondo as consequências que afetam a sociedade como resultado da banalização da cultura misógina; seu reconhecimento abre margem para a discussão de temas como o fácil acesso a armas, à disseminação da cultura misógina como parte da formação do homem, à limitação de debates feministas e discussões acerca da responsabilização da violência. O último tema é evidenciado pela autora no ensaio seguinte, “O feliz caso recente da piada sobre estupros” (2015), no qual Solnit apresenta a ressonância das mudanças socioculturais, tendo como resultado o

rompimento de silêncios seculares, o qual se encontrou diante de ataques oriundos do reflexo de uma sociedade patriarcal que se sente ameaçada.

Em ensaio anterior aponta o estupro como epidêmico, ou seja, que atinge uma larga escala de pessoas, principalmente mulheres, e possuindo as mesmas características, partindo de homens detentores de poder oriundo do silenciamento das vítimas. A cultura do estupro é transformada em piada por esses mesmos homens; como exemplo, Solnit descreve o caso de um comediante famoso em específico, o qual, ao ser acusado por inúmeras mulheres e ridicularizado por outros colegas de trabalho, é responsabilizado por seus atos, não mais protegido por seu status como homem branco heterossexual e rico. Como resultado se tem o início da comédia feminina, não a sua origem, pois as mulheres já exerciam a atividade antes, mas, como salienta Solnit, a sua visibilidade exacerbada a partir do enfraquecimento de uma cultura que as silenciava por meio de piadas contra a sua existência e segurança. A cultura do estupro é enfraquecida, encontra barreiras em uma sociedade que colhe resultados de silêncios rompidos e da quebra das estruturas que os matêm.

Na ilustração que se segue, os fios se entrelaçam novamente em um coque elaborado, preparado para romper mais um momento, a história, como diz o título da parte II: “Rompe-se a história”. Ao longo de dois ensaios iniciais, Solnit discorre sobre a categorização feminina e masculina; em “Fuga do bairro de 5 milhões de anos” (2015), a autora critica a defesa vinda de historiadores, principalmente homens, da domesticidade natural feminina e da natureza de liderança masculina apresentada primeiramente em uma conferência na Universidade de Chicago intitulada “Homem, o Caçador” (1966), a qual foi transformada posteriormente em um livro. Solnit salienta a influência de tal pensamento na justificativa para as posições políticas atuais, nas quais a predominância masculina e branca reforça estruturas de silenciamento contra grupos sociais historicamente oprimidos. A autora defende, então, a revisitação histórica, argumentando acerca da interdependência masculina e feminina desde os primórdios datados, propondo uma inversão de enredos que possibilita a rachadura da dependência feminina construída pelo patriarcado e de todas as suas ramificações.

Ao apresentar a categorização da mulher em meio às suas posições tanto políticas quanto históricas, antecipa o assunto abordado no ensaio seguinte, “Os pombais quando as pombas saem”, que irá abordar as categorias criadas socialmente, as quais proporcionam a limitação da mulher e consequente liberdade do homem em meio a elas. Há, segundo a autora, a categorização hermética do oprimido, a qual o sela em um espaço físico e social delimitado, impossibilitando a sua individualização e o atrelando a um grupo condicionalmente homogêneo, fator essencial para a discriminação. Entretanto, salienta que o uso da binaridade do gênero, mulher/homem, e as categorias que advém dele, encontra utilidade ao possibilitar o debate do reconhecimento em relação a quem cometeu ações e quem foi o alvo delas. É necessário, de acordo com Solnit, a maleabilidade na compreensão do uso de categorias, não selando todo um grupo em conceitos pré-determinados, mas observando seus limites e notando discrepâncias em tratamentos e posições de poder.

Em seguida, uma ilustração antecipa a temática dos próximos ensaios, nela, o penteado é desmanchado, simbolizando a história sendo desfeita. O primeiro reflexo do questionamento da história é observado em “Oitenta livros que nenhuma mulher

deveria ler” (2015), no qual Solnit tece comentários acerca de uma matéria publicada na revista *Esquire*, voltada para o público masculino; a autora questiona a escolha de livros e, principalmente, dos autores selecionados para a indicação de leitura. Obras canônicas, respeitadas por críticos e defendidas por inúmeros leitores são definidas, pela autora, como manuais de instrução da masculinidade, ferramentas da manutenção de sua performance. Através de autores, em sua maioria misóginos, sexistas e machistas, há a defesa e demonstração constante da masculinidade e a erotização da violência; questionar e criticar tais escolhas de leitura e defesa de autores é reconhecer que a literatura não é posse do masculino e que a humanidade não se configura somente a partir do olhar dos homens.

Seguindo o caminho literário, comenta ao longo de “Homens me explicam Lolita” (2015), o nublamento da visão masculina provocado pelo privilégio e pela falta de atenção e conseqüente distanciamento da empatia incentivados pelas mídias, recursos literários e artísticos, provocando a incapacidade do homem em reconhecer sua vantagem social. A arte molda o mundo e o mundo se molda em contornos masculinos; entretanto, Solnit destaca o poder destruidor da arte, tanto para as mulheres quanto para os homens que a consomem; para os últimos, os enquadrando em uma categoria hermética que os impossibilita o próprio reconhecimento. Há, então, uma literatura da ilusão, um espelho que reflete uma sociedade distorcida que desaparece com sujeitos físicos e simbólicos. Tal desaparecimento é explicado pela autora no ensaio seguinte, “O caso do agressor desaparecido” (2016), no qual utiliza um guia de orientação sobre o consumo de álcool durante a gravidez como exemplo de sua fala.

Destacando o uso da voz passiva e do sujeito elíptico ao longo do discurso, apresenta a importância da linguagem no agenciamento dos culpados, no caso, a responsabilização pela gravidez sendo “culpa” exclusiva das mulheres e o apagamento da participação dos homens na narrativa. Solnit, por conseguinte, ilumina outra instância da manutenção do silenciamento imposto às mulheres, a manipulação da linguagem. Ressalta a necessidade de compreensão do estudo da linguagem e dos padrões de uso das palavras, possibilitando o reconhecimento do não dito, do que fora acobertado pelo enunciador. Tal trabalho de detetive, como a autora se refere a ação de desvendar a linguagem, é utilizado por ela ao analisar o filme *Assim caminha a humanidade* (*Giant*), de 1956, em “Giantess” (2016). A trama acompanha o desenvolvimento de uma família no Texas durante a passagem do período de criação de gado para o surgimento do petróleo como principal fonte de renda do estado.

Solnit discorre sobre as nuances diversas que notou no filme ao longo dos anos em que o revia. Apresentando a força da matriarca Leslie Benedict, a negação do poder patriarcal, a qual é aceita sem muitos percalços pelo outro protagonista, Hudson Benedict, assim como a quebra de sua ilusão de controle, referindo-se tanto à sua família quanto à posse de sua fazenda de gado. A autora considera a produção cinematográfica como uma quebra da imagem do radical, a qual foge do considerado marginal, sendo, à sua maneira, uma produção subversiva que rompe com valores enraizados, apresentando uma protagonista feminina forte que mantém suas opiniões revolucionárias de queixo erguido e um homem que aceita sua queda do trono patriarcalista de forma natural em plena década de 1950.

Encerrado por uma ilustração em que há o recorte aproximado de um provável penteado, no qual as mechas de cabelo encontram-se unidas e sobrepostas, o livro é finalizado por uma simbolização da preparação não confirmada para outro rompimento. Ao longo dos ensaios, de maneira clara e didática, Solnit traça uma síntese histórica do silenciamento feminino, de suas repercussões e constantes rupturas. A autora utiliza dados factuais acerca de investigações policiais, reportagens jornalísticas, depoimentos de vítimas de abuso e violência ao redor do globo. O resultado dos variados tipos de silenciamento encontram-se presentes em todos os ensaios, apesar de não serem nomeados constantemente. Desde a exclusão de livros para a indicação de leitura escritos por mulheres, ou que contenham alguma personagem feminina em primeiro plano, à constituição da dependência feminina pelo patriarcado, o silêncio engloba a existência das mulheres, as diminuindo, excluindo, relegando e condicionando a um sistema patriarcal que as categoriza como "sexo frágil" e inapto.

A mãe de todas as perguntas não dispõe de uma resposta concreta, mas traça caminhos que levam ao trabalho de detetive, apresentado por Solnit, que todos os seus leitores devem exercer. Reconhecer violências, identificar os sujeitos perpetradores, analisar discursos, observar silêncios e romper silenciamentos são algumas das práticas incentivadas ao longo da leitura. A autora prepara os seus leitores para um período de rompimento, de mudanças e lutas necessárias que se constroem e se realizam diariamente. O livro em questão traça um panorama para o feminismo atual, mobilizador de lutas e manifestações anteriores que produzem efeitos atuais. À vista disso, partindo do rompimento de silêncios, Solnit cria rupturas em estruturas internalizadas em que entra em contato com sua escrita, provocando, assim, revisitações particulares necessárias a adição de novas vozes às mudanças graduais e cumulativas na luta pelas mulheres ao redor do globo.